

INSPIRAÇÃO E CONCATENAÇÃO: RASCUNHOS DO PROCESSO CRIATIVO DE A HORA DA ESTRELA[√]

Anderson Pires da SILVA*
Luciana FREESZ**

RESUMO

O trabalho busca analisar manuscritos da obra **A hora da estrela**, de Clarice Lispector, e as relações com o texto final publicado. Pelos manuscritos, observamos que a autora adotava o método da anotação imediata e esboçava frases e parágrafos em qualquer tipo de papel que estivesse à mão. Folhas de caderno, envelopes de cartas, pequenas folhas soltas fazem parte do processo criativo da escritora e nos deixam vestígios sobre suas primeiras ideias. As sete anotações exibidas neste artigo integram o acervo físico e também virtual do **Instituto Moreira Salles**. O instituto apresenta, em sua coleção, trinta e cinco arquivos a que chamaremos de rascunhos. Pretendemos, a partir de registros biográficos, entrevistas e dos próprios rascunhos produzidos, compreender etapas da criação que possibilitaram a construção textual de **A hora da estrela**. Nosso embasamento teórico compreende textos de autores como Philippe Willemart, Claudia Amigo Pino, Roberto Zular, Charles Higounet, Eliane Vasconcellos, dentre outros, para estabelecer diálogos com o texto clariceano.

Palavras-chave: Manuscritos. Processo de criação. **A hora da estrela**. Clarice Lispector.

[√] Artigo recebido em 14 de abril de 2017 e aprovado em 12 de junho de 2017.

* Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Pós-doutor em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professor Titular da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: <andersonpires31@gmail.com>

** Doutoranda em Letras: Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Mestra em Letras: Estudos Literários pela mesma instituição. Professora da rede municipal de ensino de Juiz de Fora. E-mail: <lufreesz@gmail.com>

1 INTRODUÇÃO

Todo texto literário se constrói a partir de um processo criativo. Sabemos que uma obra se forma, não apenas quando sua publicação acontece, mas também por todo o percurso de seu autor até o produto final, o livro. Para que o texto se constitua, são necessários caminhos que passam por anotações, rabiscos, esboços, versões datilografadas ou digitadas. Como primeira imagem de uma obra literária, o manuscrito é o responsável pela composição de um texto. Ele é a peça fundamental para moldar a obra literária. O texto completo, portanto, emerge dos primeiros rascunhos e concepções de um autor.

Poderíamos dizer que o manuscrito tem uma “aura” em comparação ao livro que resulta dele. O filósofo Walter Benjamin, analisando as transformações culturais derivadas da introdução de uma tecnologia de reprodução, define que aura “é uma figura singular, composta de elementos espaciais e temporais: a aparição única de uma coisa distantes, por mais perto que ela esteja” (BENJAMIN, 1993, p.171). A unicidade é o aspecto fundamental da aura, contudo os meios de reprodução técnica impossibilitariam a existência de um objeto único, pois sua função é justamente reproduzi-los. Nesse sentido, o manuscrito, por ser único em sua materialidade, em relação ao livro e suas muitas edições, tem um caráter aurático.

A reunião destes fragmentos, anteriores à publicação do livro, permite desvendar curiosidades a respeito da vida do autor, suas influências, suas fontes, suas sugestões, compreendendo o caminho da criação até a edição publicada. Ainda, por meio deles, estamos diante dos documentos da gênese e do estudo da memória, tanto do próprio texto em si, quanto de seu contexto: os costumes e hábitos referentes à época de sua criação.

Em 2017, a obra **A hora da estrela** completa 40 anos desde o seu lançamento. Publicada em outubro de 1977, pela editora José Olympio, a história da personagem Macabéa, foi o último romance escrito por Clarice Lispector. **A hora da estrela** surge no final década de 1970. Antonio Candido, traçando um panorama sobre a literatura brasileira desse período, destaca haver nela certas tendências dominantes como o desejo de apagar “as distâncias sociais, identificando-se com a matéria popular” (CANDIDO, 2006, p.257). Durante este período, os escritores dedicaram-se à experiências ficcionais cada vez mais ousadas e, Clarice Lispector,

em seus textos “complexos e abstratos” (BOSI, 2013, p.452), proporcionou, com sua escrita, um intenso exercício de introspecção. Nesse sentido, **A hora da estrela**, devido à sua preocupação em representar as classes subalternas, representou uma inovação dentro do conjunto de romances de Clarice.

A narrativa criada por Lispector também chama a atenção para temas como a escritura, a leitura e a cultura, recorrendo à observação de um narrador masculino, Rodrigo S.M. Para este narrador, o ato da escrita é uma maneira de mergulhar no mundo da jovem nordestina Macabéa, uma moça frágil e ignorante de sua própria existência. Rodrigo S.M., em “traços vivos e ríspidos de pintura” (LISPECTOR, 1995, p.31) vai “desenhando” a personagem para mostrá-la em uma linguagem simples para os seus leitores.

Em 2004, Paulo Gurgel Valente, filho mais novo de Clarice, depositou no **Instituto Moreira Salles (IMS)**, os manuscritos de **A hora da estrela**, assim como contos, correspondências e livros de assuntos variados. Os manuscritos desta obra de Clarice, exibidos apenas posteriormente, são os únicos que se tem notícia até o momento.

A partir da ideia de que a narrativa não está apenas no texto publicado, mas em todo o processo de criação, pelas diversas trajetórias tomadas pelo autor, buscamos analisar trechos do texto clariceano publicado, em conjunto com rascunhos deixados por Clarice. Propomos, como diria Almuth Grésillon, “ler em todos os sentidos” (GRÉSILLON apud PINO; ZULAR, 2007). Ademais, para ouvir as diferentes vozes e elementos que compõem a escrita de Lispector, utilizaremos trechos de entrevistas e suporte teórico referente à escrita dos manuscritos. Ainda, para estabelecer a análise comparativa, recorreremos à 23ª edição publicada pela Francisco Alves, de 1995.

2 INTRODUÇÃO E MÉTODO

Em entrevista feita por Marina Colasanti, Affonso Romano de Sant`Anna e João Salgueiro, realizada no **Museu da Imagem e do Som**, no Rio de Janeiro, em 20 de outubro de 1976, Clarice nos diz:

Logo que aprendi a ler... Bom, antes de aprender a ler e a escrever eu já fabulava. [...] quando eu aprendi a ler, devorava os livros, e pensava que eles eram como árvore, como bicho, coisa que nasce. Não sabia que havia um autor por trás de tudo. Lá pelas tantas eu descobri que era assim e disse: "Isso eu também quero" (SANT`ANNA, 2013, p. 206).

Desde a infância de Clarice Lispector, os livros sempre foram motivo de curiosidade e de encantamento. Em seu conto "Felicidade clandestina" a relação de encantamento com o livro é representada pela fixação da protagonista pelo livro de Monteiro Lobato, que lhe é negado pela dona do livro, a antagonista. No depoimento acima, observamos a transição de uma Clarice **leitora** para a transformação de uma Clarice **autora**. Assim como Lispector, que enquanto criança pensava nos livros como uma **coisa que nasce**, descobrindo posteriormente que as histórias se faziam por meio de autores, pensamos que os textos, enquanto matérias da escritura, **nascem** de seus manuscritos.

Segundo Eliane Vasconcellos:

Ele [o manuscrito] se distribui sobre múltiplos espaços e se orienta dentro de percursos diversos. Comporta uma diversidade de signos gráficos: letras, palavras, rasuras, marcas de posição (encaminhamentos, inserção, deslocamento), símbolos, desenhos (VASCONCELLOS, 2010, p. 20).

Os manuscritos são, sem dúvida alguma, o primeiro esboço, a imagem inicial do texto. Podemos dizer que a composição da obra literária se materializa a partir do momento em que a escritora registra pela primeira vez suas palavras no papel. A forma e a maneira que ela se dispõe a grafar estas notas caracterizam o seu método pessoal de escrita. No caso de Clarice, as ideias apareciam a todo o momento. Em entrevista ao repórter Júlio Lerner, da TV Cultura, em 1977, a autora revela parte de seu processo criativo. Abaixo, lemos um trecho significativo desta entrevista:

Júlio Lerner: Você acorda a que horas?

Clarice Lispector: Quatro e meia, cinco horas. Fico fumando, tomando café, sozinha sem nenhuma interferência. Quando estou escrevendo alguma coisa eu anoto a qualquer hora do dia ou da noite, coisas que me vêm. O que se chama inspiração, não é? Agora quando estou no ato de concatenar as inspirações, aí sou obrigada a trabalhar diariamente (LEITE, 2015, s/p).

Logo, percebemos que para iniciar o processo criativo de uma narrativa, todo escritor tem sua particularidade expressiva na sua maneira de modelar o texto: como ele **faz** sua obra; como ele se relaciona com os **materiais** com que trabalha e como

suas ideias vão tomando **forma**. Aproximamo-nos, a partir do depoimento de Clarice, do seu fazer artístico. E, embora Clarice nos fale sobre “inspiração”, ela ressalta a importância do trabalho de encadear as partes criadas, ao “concatenar as inspirações”.

Para entrar nestes caminhos, sabemos da importância do manuscrito, enquanto documento de análise, e que sua sobrevivência depende muito da preocupação do próprio escritor em preservá-lo. A partir da conservação do arquivo pessoal de um autor, é possível aventurar-se em mapear suas elaborações.

Philippe Willemart nos explica:

Na sua vida de pulsões e de desejo, o escritor, para não dizer o artista em geral, particularmente sensível à tradição cultural e ao mundo em que vive, retém de forma singular informações e sensações do passado e do presente. Os elementos detidos nesse filtro particular formam um entrelaçamento ou nó, que de certo modo bloqueia o desejo do artista e o incomoda. Desse bloqueio ou dessa barreira, nascem o primeiro texto e o autor. Não há portanto um primeiro texto escrito em alguma parte e transmitido por uma musa ao escritor atento, mas uma lenta aglutinação de elementos que, depois de algum tempo, devem ser ditos e escritos. Como o neurótico angustiado com seu sintoma recorre ao psicanalista, assim o escritor, querendo livrar-se dessa placa retida, começa suas campanhas de redações, não impelido, mas atraído pelo desejo (WILLEMART apud ZULAR, 2002, p. 75).

Clarice anotava a qualquer hora do dia ou da noite. Ao escrever em envelopes de cartas ou folhas pautadas de caderno, entrevemos o método de trabalho sobre sua narrativa. Os rascunhos fazem parte do incômodo que é responsável por “fabricar” o primeiro texto.

Philippe Willemart nos informa que o momento anterior à produção dos manuscritos corresponde à formação de um **texto móvel**. De acordo com Willemart:

O texto móvel que substitui o conceito romântico de “musa”, submete o escritor, feminiza-o, dá a ele esse “odor de femina”, inicia sua trajetória bem antes de chegar à página; leva-o aonde não queria, obriga-o a dar mil voltas ou bifurcações e, frequentemente, conduz a narrativa, sem que ele perceba. (WILLEMART apud ZULAR, 2002, p. 77)

Este texto móvel será a consciência que levará o autor ao manuscrito: “o manuscrito emana do ‘texto móvel’, como a concha segregada pelo molusco emana de uma forma informe desconhecida” (WILLEMART apud ZULAR, 2002, p. 79). Nesse sentido, **A hora da estrela**, sendo um romance escrito no final da década de 1970, quando os autores estavam “colocando a sua própria escrita em questão e, por consequência, redimensionando o lugar do leitor no interior deste

questionamento” (PINO; ZULAR, 2007, p. 89). Ao produzir o romance, Clarice evidencia para nós que ela mesma estava diante de um **texto móvel**.

Retomando a entrevista para o **Museu da Imagem e do Som**, a escritora Marina Colasanti questiona, em determinado momento, sobre a escrita do primeiro capítulo de um livro. Conforme lemos abaixo:

Marina Colasanti: Você escreve o primeiro no fim?

Clarice Lispector: Concomitantemente. Eu nunca sei de antemão o que vou escrever. Têm escritores que só se põem a escrever quando têm o livro todo na cabeça. Eu não. Vou me seguindo e não sei no que vai dar. Depois vou descobrindo o que eu queria (SANT`ANNA, 2013, p. 239).

Percebemos que a autora, ao escrever **A hora da estrela**, segue um fluxo de ideias que vão surgindo aleatoriamente. Os rascunhos são fragmentos que irão estruturar o seu texto.

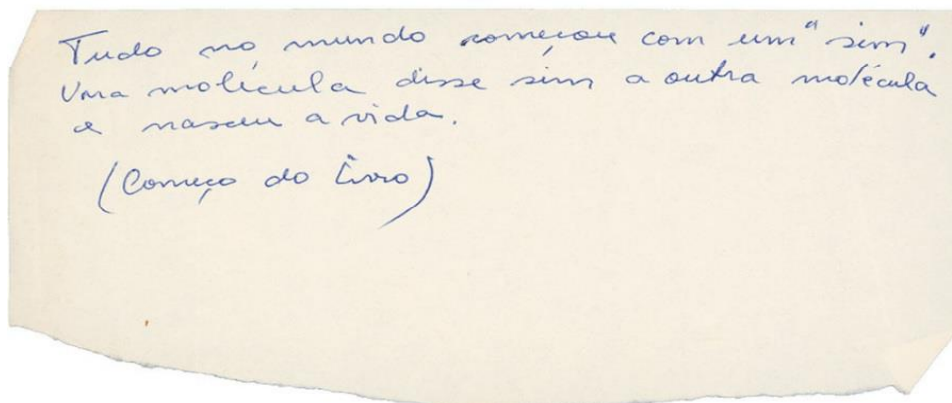
Atualmente, existem trinta e cinco rascunhos que foram digitalizados e estão disponíveis no site do **Instituto Moreira Salles**. As imagens, as informações sobre a caligrafia, bem como os parágrafos a que eles correspondem na narrativa também se encontram no portal **claricelispectorims.com.br**.

3 MANUSCRITOS

A partir de agora, observaremos sete imagens dos manuscritos referentes ao romance. Lembrando que “cada manuscrito requer uma solução própria” (PINO; ZULAR, 2007, p. VIII), vamos fazer comparações entre as frases e outros elementos possíveis de interpretação em diálogo com o texto final, pois “os manuscritos não constituem em si um processo: é na leitura desses documentos que um processo será construído” (PINO; ZULAR, 2007, p. 27).

Logo abaixo, vemos um rascunho que exhibe as duas primeiras frases do primeiro parágrafo do romance. Em seguida, o correspondente trecho encontrado na obra publicada:

Figura 1. Rascunho do início.



Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o quê, mas sei que o universo jamais começou (LISPECTOR, 1995, p. 25).[Grifos nossos]

A caligrafia no rascunho é da amiga íntima de Clarice, Olga Borelli. Lispector datilografava a maioria dos seus textos, mas, ao final da vida, pedia auxílio da amiga para exercer esta função. Olga Borelli, em entrevista, disse que Clarice afirmava ter preguiça para datilografar, mas na realidade, era uma falsa desculpa, pois a “preguiça” se devia a doença que começara a afetar o seu organismo.

Percebemos, pela **Figura 1**, um rascunho feito em um pedaço de papel rasgado. Nele, observamos a **auto-injunção** “começo do livro”, que claramente indica sua posição dentro do futuro texto. Não sabemos se este foi o primeiro rascunho para a história, mas, por estar desta maneira identificado, verificamos rapidamente que a autora manteve a frase no início da narrativa. Ainda, nesta anotação, foi dado destaque à palavra “sim”. No texto publicado, notamos que as aspas foram retiradas, modificando os sentidos que poderiam ser dados a este “sim”. A supressão deste simples elemento (“”) sugere uma edição que pode ter acarretado em uma diminuição do foco dado à palavra, simplesmente deixando que o sentido surgisse a partir da frase como um todo.

Além desta sugestão, o trecho nos remete a uma introdução bíblica, indicando o espaço da **criação**. No início do primeiro livro do **Gênesis**, lemos que: “No princípio, criou Deus os céus e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas” (BÍBLIA, 2013, p.3). Ao comparar ambos, vemos que o texto inicial de **A hora**

da estrela simplifica a origem da vida. A vida surge a partir do “sim”, quando “uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida”.

É necessário ressaltar que os rascunhos de **A hora da estrela**, os materiais utilizados são, respectivamente, a caneta esferográfica¹ e o papel. A opção por estes materiais básicos de escrita fazem parte da prontidão da autora para gravar as ideias descontínuas que “lhe vinham”. Para Charles Higounet:

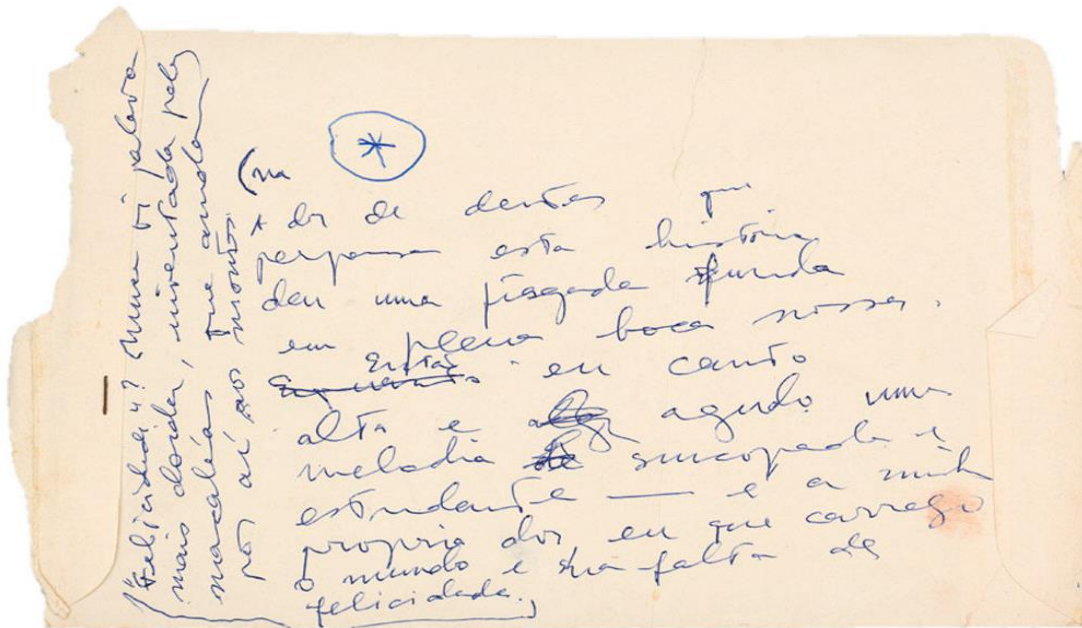
Do ponto de vista material, toda escrita é traçada sobre um suporte ou, como se diz, sobre um registro “material subjetivo”, com o auxílio de um instrumento manejado mais ou menos habilmente por um gravador ou por um escriba, seja fazendo incisões, com um estilete, seja com um produto ou colorante. Segundo esse ponto de vista, toda escrita apresenta uma série de caracteres que lhe são próprios e que pertencem ao grupo social, à língua e à época da qual ela é expressão, mas também ao registro material subjetivo, à natureza do instrumento, à mão e aos hábitos do escriba (HIGOUNET, 2003, p.15).

Logo, a subjetividade deste material tem a ver com o período de vida da escritora. A caneta esferográfica, por exemplo, inventada na década de 1930, agilizou o processo de escrita de maneira irreversível. Comparativamente, hoje em dia, temos acesso a recursos digitais que respondem ao gesto de escritura de outra maneira. Notebooks, tablets, ou até mesmo celulares facilitam a produção de textos e a sua publicação.

Voltando aos manuscritos, na **Figura 2**, cuja caligrafia é da própria Clarice, as frases foram escritas no que parece ser um envelope. Ao ver a imagem, notamos bordas dobradas nas laterais e um grampo do lado direito. Neste rascunho, é possível constatar a descontinuidade e a heterogeneidade na escrita da autora.

Figura 2.

¹ Existem também rascunhos que apresentam escritos feitos com caneta hidrográfica. Não trataremos destes manuscritos neste trabalho.



A perpendicularidade entre os escritos faz parte da inversão e inserção entre os dois trechos na narrativa. Escrito na lateral esquerda, lemos: “Felicidade?’ Nunca vi palavra mais doida, inventada pelas Macabéas que andam por aí aos montes”. Esta frase esta inserida no final do 3º parágrafo da narrativa. Ao comparar esta anotação com o texto publicado, percebemos que a autora trocou a palavra “Macabéas” por “nordestinas”. Acreditamos que esta seja uma tentativa de indicar uma caracterização mais ampla para as mulheres desta região do país. Na sequência, o texto no centro da folha (que antecede, no texto, a sentença da lateral esquerda) manteve-se tal qual o original publicado, e, podemos notar rasuras, riscos junto a um símbolo na forma de asterisco na parte superior. O asterisco é um símbolo recorrente em outros rascunhos feitos para esta obra. A respeito das análises anteriores, temos que:

Mesmo se às vezes encontramos versões manuscritas limpas de muitos textos, em geral os documentos apresentam-se ao pesquisador de forma muito diferente de uma página publicada. No lugar da sucessão de palavras em uma linha, da sucessão de linhas em uma página e da sucessão de páginas em um livro, podemos encontrar em um manuscrito uma palavra em um canto da página, um parágrafo em outro canto, acompanhados de outros registros, como flechas e desenhos. É muito comum também encontrar manuscritos em que cada um desses registros apresenta-se em cores diferentes, até mesmo com letras diferentes. No nível da frase, ou da própria palavra, essa heterogeneidade também está presente na figura da rasura. Assim, no lugar de uma única palavra em uma sequência, podemos encontrar várias, sobrepostas, tachadas, grifadas (PINO; ZULAR, 2007, p.27-28).

O asterisco é um sinal gráfico na forma de uma **estrela** e usualmente serve para indicar uma chamada de nota ou assinalar supressão, dúvida ou outra convenção previamente estabelecida. Pensamos que os escritos marcados com este símbolo fazem parte de uma diferenciação feita por Clarice. Ou seja, eles identificariam trechos fundamentais para o processo de criação textual, possuindo um papel estruturador diante das outras partes da narrativa. Ainda, pensamos na coincidência da relação com o próprio título da obra. Como nos é possível atribuir sentidos para estes signos?

De acordo com Cláudia Amigo Pino e Roberto Zular:

[...] os manuscritos não são meros documentos, eles têm uma força própria. Isso muda a nossa postura diante deles: não precisamos reconstituir um hipotético processo, podemos entrar no jogo e suas condições de enunciabilidade, isto é, tentar entender dentro de que regime de discursos e de que práticas de produção, circulação e recepção eles podem surgir (PINO; ZULAR, 2007, p.90).

Na **Figura 3**, a indicação da ação do autor/narrador foi escrita pela amiga Olga e o restante por Clarice.

Figura 3.



No rascunho acima notamos duas frases difíceis de ler como “brincar de bola sem a bola” e o “fato é um ato?”. Na primeira frase, a autora fez uma rasura que, à primeira vista nos parece uma ideia inicial para o texto. Clarice, nesse sentido, estava diante de um *brainstorming*, explorando seus objetivos textuais. O escrito na

parte superior do papel é um questionamento de Rodrigo S.M: “Sei que estou adiando a história e que brinco de bola sem a bola. O fato é um ato?” (LISPECTOR, 1995, p.31).

Ainda, é interessante remarcar a presença da marca de batom no canto direito do papel. O “beijo” é, literalmente, uma marca de Clarice. Estamos diante de um: “Caráter performativo, não apenas linguístico, mas também gestual. [...] se trata de atentar não apenas para o processo enunciativo, mas para aquilo que o escritor está fazendo quando enuncia, isto é, para ‘aquilo que fazemos quando dizemos algo’” (PINO; ZULAR, 2007, p.71).

Até o presente momento, a partir das imagens pesquisadas, ressaltamos que Clarice anotava frases soltas e colocava indicações para o encaixe no texto final. Como um **roteiro**, a escritora fazia destaques para as partes nas quais os trechos manuscritos entrariam. Anteriormente, reparamos os rasgos e as marcas de dobras ao redor dos papéis. Embora não preservasse integralmente seus rascunhos, a autora demonstrava cuidado e preocupação com seus arquivos originais. De acordo com Adriana Camara de Oliveira:

Ao mesmo tempo, em que não preservava os manuscritos, Clarice Lispector mostrava-se preocupada com os seus textos, antes de publicar um livro, reescrevia de forma obsessiva. Um dos exemplos foi o fato de ter reescrito onze vezes *A maçã no escuro*. O método da escrita clariceana continha em geral duas etapas: fazia anotações soltas e depois às organizava. Não tinha uma seqüência lógica, mas repensava cada vírgula do seu texto, antes de publicá-lo. Após a entrega do texto à editora não mais revisava – exceção acontecida com *A cidade sitiada*, pois, em carta a um editor francês declarou que seu texto precisava de uma revisão aprofundada e ela mesma o faria (OLIVEIRA, 2007, p.39).

As **Figuras 4, 5 e 6**, são rascunhos que se referem exclusivamente à personagem Macabéa. A **Figura 4** mostra uma descrição para a personagem. Vemos escrito no papel rasgado: “(Quando Maca se olha no espelho) Tão jovem e já rasura com ~~enferrujada~~ ferrugem”. Quais os motivos que levaram a autora a riscar o adjetivo “enferrujada”? O movimento de **substituição** neste rascunho pode significar uma mudança que afetaria completamente o sentido da frase. Se ela fosse “tão jovem e enferrujada”, iria-se produzir no leitor a interpretação de que a moça tinha dificuldades ao se movimentar, andar... Ao invés disso, ter feito a alteração para “com ferrugem”, evidencia uma preocupação da autora em descrever

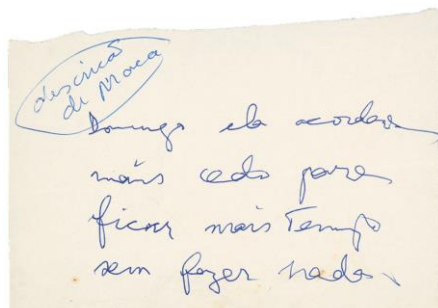
minunciosamente o aspecto físico da jovem nordestina. Assim, concentra-se a atenção nas manchas que pareciam “ferrugem” em sua pele.

Figura 4.



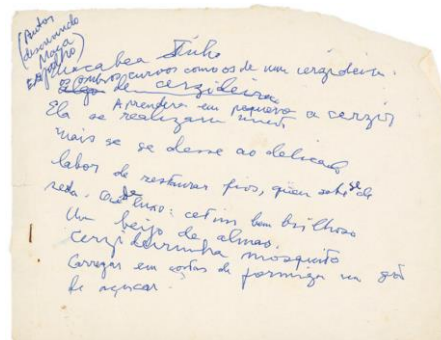
(Quando Maca se olha no espelho) Tão jovem e já ~~xx~~ com ferrugem [corresponde ao 58º parágrafo]

Figura 5.



(descrição de Maca) Domingo ela acordava mais cedo para ficar mais tempo sem fazer nada. [corresponde ao 91º parágrafo]

Figura 6.



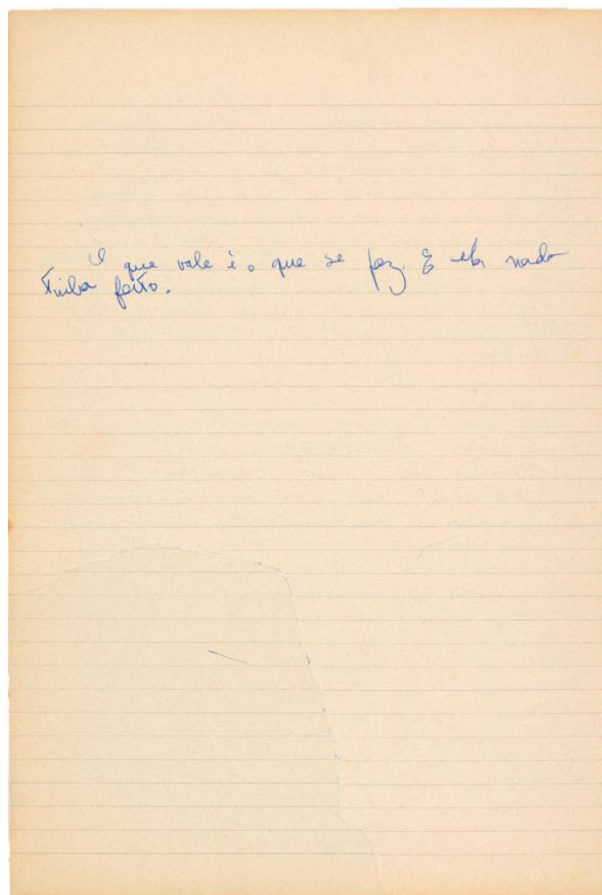
(Autor descrevendo Maca Espelho) Macabéa tinha ~~algo de cerzideira~~ ombros curvos como os de uma cerzideira. Aprendera em pequena a cerzir. Ela se realizara muito mais se se desse ao delicado labor de restaurar fios, quem sabe se de seda. Ou de luxo: cetim bem brilhoso, um beijo de almas. Cerzideirinha mosquito. Carregar em costas de formiga um grão de açúcar. [corresponde ao 61º parágrafo]

Nas **Figuras 4 e 5**, rápidas características determinam como será a personagem. Observamos nestas duas descrições um certo “minimalismo” construído pela autora, pois, com poucas palavras, o leitor pode ter um ideia direta e sucinta da configuração de Macabéa. Nas frases de Clarice, encontramos partes que configuram a moça nordestina. Na **Figura 6**, temos uma descrição ampliada de “Maca”. A personagem, ao invés de ter “algo de cerzideira”, conforme nos indica a rasura, apresenta “ombros curvos como os de uma cerzideira”. Nesta **substituição**, a autora especificou ainda mais a personagem, trocando a vaga insinuação anterior por atribuições físicas notáveis.

Vimos, nos exemplos anteriores, uma estrutura livre de construção para o texto, na qual as frases parecem emanar da autora e irem fundamentando a estrutura narrativa de **A hora da estrela**. Logo, confirmamos que o ato da escritura de Clarice é, de certa maneira, caótico e desordenado, com ideias que fluem sem uma sequência definida de raciocínio.

No acervo do **IMS**, existem ainda sete notas que não foram aproveitadas para o romance. Abaixo vemos uma delas:

Figura 7. Rascunho não utilizado n' **A hora da estrela**



Nesta nota da **Figura 7**, lemos a seguinte frase: “O que vale é o que se faz. E ela nada tinha feito”. Não nos é possível saber sobre qual parte a autora gostaria de inserir este trecho na narrativa. No entanto, é claro para nós, mesmo sem quaisquer marcações, que se trata de uma referência à Macabéa. Esta frase é como um enigma para a personagem. Ao interpretá-la no contexto da narrativa, refletimos sobre os acontecimentos que a cercavam. A autora, por meio da palavra “interior exteriorizada” (PINO; ZULAR, 2007, p.83), confirmando as descrições do narrador, oferece uma conclusão para sua personagem. Esta frase, de grande efeito, é como um desfecho para a vida de Macabéa, que não reagia à vida de maneira significativa.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao investigar alguns rascunhos do texto de **A hora da estrela**, tivemos a oportunidade de perceber ações da autora no sentido de moldar e nortear o rumo dos acontecimentos e personagens da narrativa. Olhar para o processo de criação nos permitiu enxergar que o texto criado por Clarice Lispector foi se construindo a partir de um redemoinho de frases e fragmentos. O processo de escrita da autora é semelhante a uma estrutura que coleta curtos registros, como uma tempestade de ideias/*brainstorming*, para produzir sua obra. Ao anotar de imediato, ela registrou ideias importantes que consolidaram o material final.

A criação literária é a capacidade de criar ou recriar, organizar em partes, de maneira pessoal a realidade, seja ela exterior ou aquela que está dentro de si. Assim:

[...] a literatura é um fazer, é algo que se faz, constrói, inventa. E mais do que isso: ao inventar, construir, fazer é o próprio ato da escrita que está em jogo. É como se, ao tomarmos contato com os manuscritos, tivéssemos de acrescentar mais um eixo de análise da literatura: ao lado do enunciador e do enunciatário (ou seja, das partes constitutivas do interior da enunciação), teríamos o processo de escrita – o ato de escrever – e seu correlato, o ato de leitura. (PINO; ZULAR, 2007, p.78)

Clarice, portanto, vivia diante de um processo criativo intenso, na qual “inspiração” e “concatenação” andavam lado a lado. Percebemos pela rápida leitura aos manuscritos que algumas tensões e complicações estão implicadas nas suas práticas de escrita.

Concluindo, vivemos atualmente em meio a grandes transformações culturais que modificam a história da literatura, radicalizando a maneira de produção dos textos. Acreditamos ser produtivo estimular ações nas quais as instituições responsáveis por documentos literários sejam locais de acolhimento e que favoreçam a comunidade e os pesquisadores. O passado é importante para o futuro, logo, os manuscritos devem ser vistos como registros preciosos para se compreender **o que é** e **o que faz** um texto literário.

INSPIRATION AND CONCATENATION: DRAFTS OF THE CREATIVE PROCESS OF THE HOUR OF THE STAR

ABSTRACT

The paper aims to analyze manuscripts of Clarice Lispector's **The Hour of the Star**, and the relationships with the final published text. Through the manuscripts, we observed that the author adopted the method of immediate annotation and sketched parts of the text on any type of paper that was at hand. Notebook sheets, card envelopes, small loose papers are files left by the writer who leave us traces of her first ideas. The annotations shown in this article are part of the physical and also virtual collection of the **Instituto Moreira Salles**, which stores in its collection thirty-five files that we will call drafts. We intend, from biographical records, interviews and the drafts produced, to understand parts of the creative process that involved the textual construction of **The Hour of the Star**. Our theoretical support will be based on texts by authors like Cláudia Amigo Pino, Roberto Zular, Charles Higounet, Eliane Vasconcellos, among others, to clarify the Claricean text.

Keywords: Manuscripts. Creation process. **The Hour of the Star**. Clarice Lispector.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: **Mágia e técnica, arte e política**. Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993. p.165-196.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de promessas**. Edição revista e corrigida. Tradução João Ferreira de Almeida. São Paulo: King`s Cross Publicações, 2013.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Cultrix, 2013.

CANDIDO, Antonio. A nova narrativa. In: **A educação pela noite**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2006. p.241-260.

HIGOUNET, Charles. **História concisa da escrita**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

LEITE, Carlos Willian. **A última entrevista de Clarice Lispector**. In: Revista Bula. Disponível em: <<http://www.revistabula.com/503-a-ultima-entrevista-de-clarice-lispector/>>, acesso em 02 de fevereiro de 2017.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.

OLIVEIRA, Adriane Camara de. **A crítica textual em A hora da estrela**. In: Cadernos do CNLF. Vol. XI, nº06, 2007. Disponível em:<

www.filologia.org.br/xicnlf/6/a_critica_textual_em.pdf>, acesso em: 02 de fevereiro de 2017.

PINO, Cláudia Amigo; ZULAR, Roberto. **Escrever sobre escrever**: uma introdução crítica à crítica genética. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VASCONCELLOS, Eliane. **Manuscritos literários e pesquisa**. Letras de Hoje, Porto Alegre, v.45, n.4, p.20-24, out/dez. 2010.

WILLEMART, Philippe. Como se constitui a escrita literária. In: ZULAR, Roberto [Org.]. **Criação em processo**: ensaios de crítica genética. São Paulo: Editora Iluminuras, 2002.

Site do Instituto Moreira Salles. Disponível em: <<http://www.ims.com.br/ims/>>, acesso em 17 de janeiro de 2017.

Imagens dos manuscritos de **A hora da estrela**. Disponível em: <<https://claricelispectorims.com.br/notas-de-hora-da-estrela/>>, acesso em 17 de janeiro de 2017.